



Breve discussão sobre o artigo de Benno Rosenberg

Marília Aisenstein, Paris*

Neste texto são tecidos alguns comentários a respeito de “Masoquismo e Doença”, de Benno Rosenberg.

Ressaltando a proximidade de idéias, a autora destaca a abordagem de Benno Rosenberg sobre doença, masoquismo e pulsão de morte, concordando com a afirmativa: “Não é o masoquismo que faz adoecer, mas a pulsão de morte”.

A partir dessa consideração e com base no texto de Freud “O problema econômico do masoquismo”, são debatidas algumas noções sobre o papel da pulsão de morte e suas ligações com Eros e do masoquismo originário na constituição do psiquismo.

Descritores: doença psicossomática, masoquismo, masoquismo originário, pulsão de morte, eros, constituição do psiquismo.

* Psicanalista. Membro Titular da Sociedade Psicanalítica de Paris.

A visão de Benno Rosenberg é rica e original ao mesmo tempo. Ele traça com rigor todas as conclusões de suas teses. Remeto logo o leitor a seu artigo *Relire Marty. De la dépression essentielle à la somatisation: réflexions sur le rôle du masochisme dans ce mouvement* [Reler Marty. Da depressão essencial à somatização: reflexões sobre o papel do masoquismo nesse movimento], (Rosenberg, 1995), assim como às duas notáveis monografias *Masochisme mortifère, masochisme gardien de la vie* [Masoquismo mortificante, masoquismo guardião da vida] (Rosenberg, 1991) e *Le moi et son angoisse* [O Ego e sua angústia] (Rosenberg, 1997).

A proximidade de nosso pensamento assim como a densidade de seu texto me limitam a uma discussão com nuances. Benno Rosenberg é muito coerente, suas proposições e o fascínio da exposição tornam a divergência difícil. Portanto limitar-me-ei aqui a escolher alguns pontos que, a meu ver, merecem ser examinados.

Minha primeira observação diz mais respeito à forma que ao conteúdo: “*Não é o masoquismo que faz adoecer, mas a pulsão de morte*”, nos diz Benno Rosenberg.

Na minha opinião, tal afirmação é da ordem do princípio, pois pressupõe um dado que seria aquele de uma nocividade intrínseca e essencial da pulsão de morte. É verdade que a segunda teoria das pulsões, elaborada por Freud em 1920 para dar conta dos fracassos da clínica, integra a tendência à destruição como dado irredutível do psiquismo humano. Entretanto, em 1938, a pulsão de morte é definida como moção de desligamento. Seu objetivo seria desfazer as ligações que Eros – tornado princípio de coesão – procura ligar, instituindo, assim, unidas cada vez mais extensas. Mais apuradas, as descrições do *Esboço* me convêm perfeitamente e me parecem indicar que o perigo reside mais no desequilíbrio entre coesão e desligamento do que apenas na pulsão dita de morte. A questão do atrelamento das pulsões já foi estudada por Freud, que em 1933 faz do masoquismo um fenômeno exemplar da boa intricação das duas pulsões. Na concepção de 1938, Freud reafirma um deslize de seu pensamento e mostra mais uma vez que Eros não pode ser sobreposto à noção de libido, que por sua vez é quantitativa e descarregável.

Estas poucas observações me permitem voltar à proposição “rosenberguiana” e moderá-la, talvez, perguntando-me se não é sempre a desfusão que faz adoecer. Esta afirmação nada tem de muito novo – sei disso – no entanto, continuo pouco convencida da não-nocividade dos aumentos da libido.

Benno Rosenberg vai ainda mais longe hoje. É radical: “[...] *todo arreba-*



tamento da libido, toda sobrecarga de excitação têm valor defensivo e visam a enfrentar a pulsão de morte”.

Em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924), parece-me já se ver que apenas a pressuposição de um masoquismo originário permite pensar a derivação da pulsão de morte. Neste sentido, podemos seguir a demonstração de Benno Rosenberg que vai, contudo, mais adiante: o masoquismo se tornaria uma defesa primária contra a pulsão de morte. Eu pensava, de maneira mais simples, que o masoquismo era a primeira figura da intricação das pulsões. Atribuir-lhe um significado defensivo em relação a uma delas implica, a meu ver, uma “hierarquia” das duas pulsões que me faz questionar ...

Entretanto, Benno Rosenberg diz em seguida que o ego seria constituído graças à ação da pulsão de morte. Também o penso, pois a separação e a diferenciação não podem emanar apenas da libido tornada Eros.

Acrescentarei que a noção de pulsão de morte me é tão indispensável para pensar a clínica no cotidiano, quanto é difícil concebê-la sem intricá-la intimamente a Eros. Trata-se para mim de um equilíbrio instável entre duas forças complementares e antagonistas, cuja qualidade da ligação é obtida no sentido do objeto e através dele e marca o êxito ou então o fracasso do masoquismo erógeno como fenômeno clínico.

Restam dois pontos que eu gostaria de discutir: a análise que Benno Rosenberg faz do texto de 1924 e a questão do masoquismo secundário e do masoquismo moral que não foi aqui evocada por ele, mas estes talvez possam ser colocados em sua relação com a doença e o corpo.

As onze páginas de *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924) são totalmente subversivas por revolucionarem a teoria do princípio de prazer¹. Escritas quatro anos após a descrição da existência de um *além* deste mesmo princípio, já demonstram a dúvida de Freud ao se perguntar qual será, então, o guardião da vida psíquica.

Sequierei aqui a interpretação de Benno Rosenberg para dizer que o masoquismo é que vem substituir o princípio de prazer. Além disso, o desprazer confundido com o prazer masoquista torna-se desde então o próprio modelo do prazer. Assinalarei brevemente uma das dificuldades desse curto texto de Freud. Creio que tal dificuldade se deve à escrita elíptica e condensada que pode levar o leitor a se perguntar se Freud fala do princípio de prazer ou do prazer. De fato, há vinte anos Freud se preocupava com o princípio de prazer, teoria econômica segundo a qual o desprazer está na tensão, enquanto o prazer está na descarga. O embaraço

1. Ver o Argumento deste número.



de Freud diante do fato clínico do masoquismo, segundo o qual há prazer no desprazer da tensão de excitação, nos parece ainda maior por ele ter assinalado, já em 1905, nos *Três Ensaio*s, um deleite no sofrimento. Será que o esquecera? Ou será que fora ele próprio levado a condensar o prazer e seu princípio?

Benno Rosenberg nos falou longamente sobre o masoquismo primário – admitido por Freud depois de colocada a questão da pulsão de morte. O masoquismo secundário, por sua vez, define-se como retorno do sadismo sobre a própria pessoa e soma-se ao masoquismo primário. Na clínica é muito comum assistir-se a tentativas secundárias de religação do núcleo masoquista primário deficiente. Tais tentativas de religação por um masoquismo secundário comportamental também estão presentes no campo clínico dos pacientes somáticos e muitas vezes são apoiadas por tratamentos penosos e dolorosos. Disso não difere muito o exemplo *princeps*, extremo e comum, do psicótico que se maltrata, se corta, se queima e se automutila. É deste modo que ele procura desesperada e obscuramente suprir e religar, através de manobras masoquistas comportamentais, a falha do masoquismo primário intrincador e guardião da vida.

Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud distingue ainda três formas: o masoquismo erógeno, o masoquismo feminino e o masoquismo moral.

1) O masoquismo erógeno não é uma forma clinicamente observável, mas uma condição que, ligando prazer sexual e dor, está na base da perversão masoquista e que se encontra também no masoquismo moral. Seria aquilo que protege o corpo contra a pulsão de morte.

2) Quanto ao masoquismo feminino, na verdade masoquismo de essência feminina, descrito por Freud como uma possibilidade imanente ao ser humano, eu diria facilmente que ele se confunde com aquilo que Benno Rosenberg denominara de maneira soberba “a dimensão masoquista da existência”. Eu pensaria que esta última se inscreve em negativo na psicose e na perversão, assim como em muitos de nossos pacientes considerados casos de neurose de “caráter” e de “comportamento”.

3) Resta, enfim, o masoquismo moral que ainda não foi abordado. A ligação do masoquismo moral com a sexualidade é *frouxa*, nos diz Freud. No que me diz respeito, eu diria que é deslocada, desobjetalizada. Somente o sofrimento conta – ele é erotizado; o fato de ser infligido por um objeto, investido ou não, *não desempenha nenhum papel*. Não se deve deduzir daí que não se pode lhe atribuir nenhum papel? Esta figura *moral* do masoquismo é resultante de um destino tortuoso. Num desenvolvimento harmonioso, a moral e a consciência decorrem do superego – herdeiro do complexo de Édipo – e de sua dessexualização. No maso-



quismo moral, ao contrário, uma falha do recalque da sexualidade edipiana provoca uma insuficiência de culpa consciente e uma ressexualização da moral. A posição de vítima ou as sanções são buscadas em si mesmas por serem vividas numa excitação que implica muitas vezes um desvio narcísico.

O ponto de vista do masoquismo moral² foi pouco estudado na clínica dos pacientes somáticos. Não se poderia pensar que a doença sucede a ele ou então assume seu lugar? Será que coexiste com o sofrimento corporal, será que o acompanha ou será que o substitui?

Todos nós sabemos que há dores físicas às vezes perigosas de curar. Algumas dores morais causadas por essa figura do masoquismo que emana da pulsão de morte não derivada não contêm uma parte libidinal viva, cujo risco poderia ser a cura como o triunfo na doença. □

Abstract

Brief discussion on Benno Rosenberg's paper

This text presents a few comments on "Masochism and disease" by Benno Rosenberg.

Emphasizing the closeness of ideas, the author highlights Benno Rosenberg's approach to disease, masochism and death drive, agreeing with the statement: "It is not masochism that makes one ill, but the death drive".

Based on this consideration, and on Freud's text "The economic problem of masochism", a few notions are discussed on the role of the death drive and its ties to Eros and original masochism in constituting the psyche.

Keywords: psyche, illness, death drive, drive defusion.

Resumen

Breve discusión sobre el artículo de Benno Rosenberg

En este texto son tejidos algunos comentarios a respecto de "Masoquismo y enfermedad", de Benno Rosenberg.

Resaltando la proximidad de ideas, la autora destaca el abordaje de Benno Rosenberg sobre enfermedad, masoquismo y pulsión de muerte, concordando con

2. Ver o artigo de Catherine Chabert (2000), "Les surprises du masochisme moral", in *L'esprit de survie, Libres cahiers pour la psychanalyse*, n° 1, Éd. In Press.





Marilia Aisenstein

la afirmativa: “No es el masoquismo que provoca la enfermedad, y sí la pulsión de muerte”.

A partir de esa consideración y, con base en el texto de Freud “El problema económico del masoquismo”, son debatidas algunas nociones sobre el papel de la pulsión de muerte y sus ligaciones con Eros, y del masoquismo originario en la constitución del psiquismo.

Palabras llave: psiquismo, enfermedad, pulsión de muerte, des-fusión pulsional.

Recebido em 22/09/2004
Aceito em 29/09/2004

Marilia Aisenstein
72 rue d'Assas,
75006 – Paris – France
E-mail: mariliaais@hotmail.com

© PUF, 2000
© Revista de Psicanálise – SPPA